

**COMUNICAÇÃO ORAL E VOZ DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA
ESCOLAR - UM RECURSO DE TRABALHO EM RISCO**

**COMUNICACIÓN ORAL Y VOZ DEL PROFESOR DE EDUCACIÓN FÍSICA
ESCOLAR – UNA HERRAMIENTA DE TRABAJO EN RIESGO**

**ORAL COMMUNICATION AND VOICE OF SCHOOL PHYSICAL EDUCATION
TEACHERS – A WORK TOOL AT RISK**

Vagner José PEDERSEN¹
Maria Lucia O. S. DRAGONE²

RESUMO: O uso da voz como recurso de trabalho pelo professor de educação física escolar revela peculiaridades relacionadas à profissão, tais como demanda vocal intensa em ambientes inapropriados acusticamente, o que ocasiona desgaste vocal com prejuízo na prática profissional. Esta pesquisa busca compreender as relações entre risco vocal e interações por comunicação oral de professores de educação física com seus alunos. Os dados foram obtidos por questionários e respostas a uma escala de sintomas vocais. Os resultados salientam dificuldades dos professores decorrentes do uso da voz durante as aulas e revelam iniciativas isoladas para minimizar o desconforto vocal, confirmando as expectativas de necessidade da preparação do professor para o uso da voz no trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Professor. Educação física. Comunicação oral. Voz.

RESUMEN: El uso de la voz como herramienta de trabajo por profesores de educación física escolar revela peculiaridades relacionadas a la profesión, tales como la demanda vocal intensa en ambientes acústicamente inapropiados, ocasionando desgastes vocales que afectan a la práctica profesional. Esta investigación busca comprender las relaciones entre riesgo vocal e interacciones orales de profesores de educación física con sus alumnos. Los datos fueron obtenidos mediante cuestionarios y respuestas a una escala de síntomas vocales. Los resultados evidencian las dificultades de los profesores, derivadas del uso de la voz durante las clases, y revelan iniciativas aisladas para minimizar molestias vocales. Así, confirman la necesidad de entrenamiento del profesor para el uso de su voz.

PALABRAS-CLAVE: Profesor. Educación física. Comunicación oral. Voz.

ABSTRACT: The use of voice as a work tool by a school Physical Education teacher reveals peculiarities related to the occupation, such as intense vocal demand in acoustically inappropriate environments which causes vocal damage with harm in their professional

¹ Escola Técnica Professor Armando Bayeux da Silva (ETEC), Rio Claro – SP – Brasil. Docente Educação Física. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-8341-7239>. E-mail: vagnerpedersen@yahoo.com.

² Universidade de Araraquara (UNIARA), Araraquara – SP – Brasil. Docente no programa de pós-graduação, processos de Ensino, Gestão e Inovação (UNIARA). ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-4567-0679>. E-mail: mldragone@uniara.com.br.

practice. This research aims to understand the relation between vocal risk and oral communication interactions of Physical Education teachers with their students. The data were acquired by questionnaires and responses to a Voice Symptom Scale. The results emphasize the teachers' difficulties due the voice use during classes and reveal isolated initiatives aimed at minimizing vocal discomforts, confirming the need for a teacher training for the use of voice in their professional functions.

KEYWORDS: *Teacher. Physical education. Oral communication. Voice.*

Introdução

Para abordar a forma predominante como professores de educação física utilizam a comunicação oral é necessário destacar, historicamente, as influências que a determinaram como um estilo de atuação profissional. A origem militar da educação física brasileira, por meio da implantação de métodos europeus de ginástica, determinou aos professores não apenas um protocolo de trabalho, mas também características de atuação condizentes aos objetivos almejados, trata-se de posturas, modos e linguagens observadas na maioria dos professores de educação física durante a regência das aulas, conforme indicado por Soares (2004).

Nesse contexto, a voz forte incentivadora se mostra presente até os dias atuais como um importante recurso do professor de educação física escolar, frente à natureza dinâmica da aula baseada na cultura corporal do movimento (DAOLIO, 1995; BRASIL, 2016), o qual por sua vez mantém afinidade com esse estilo vocal que, por necessidade, adequação e origem histórica, remete-se à 'voz de comando' como uma forma de disparar execução imediata da atividade.

O estilo vocal dos professores não está relacionado ao autoritarismo, mas à necessidade de usá-la como instrumento na regência das aulas, para salientar aspectos como a liderança e a comunicação. Essa voz encontra-se presente em clubes esportivos, academias de ginástica ou em escolas, devido a demanda por um estilo vocal capaz de desencadear ações compatíveis às exigências da atividade física e ao ambiente de trabalho do professor de educação física.

Além dessa imposição profissional, há algumas peculiaridades atreladas especificamente ao professor de educação física escolar que atua, majoritariamente, em quadras esportivas ou em ambientes improvisados como os pátios escolares e outros espaços, junto à movimentação corporal de seus alunos envoltos por um comportamento descontraído e/ou de disputa esportiva, em meio a intervenção vocal realizada pelo próprio professor que incentiva, corrige e orienta de maneira a não interromper a dinâmica da aula, gerando concorrência sonora em um ambiente amplo e de difícil comunicação.

Estudos na área da fonoaudiologia têm confirmado essas questões ambientais, presentes no trabalho do professor em geral, e as relacionadas com situações de risco à saúde vocal (FERREIRA *et al.*, 2007). Sinaliza-se também a presença de sintomas vocais associados ao uso da comunicação oral, especificamente entre professores de educação física, como garganta seca, rouquidão, falhas na voz, esforço para falar, pigarro, cansaço ao falar, ardor na garganta, voz fraca e perda de voz (CUNHA, 2013), todos fatores que interferem diretamente na qualidade da mensagem oral produzida por esses professores durante suas aulas.

Compreende-se que, além dessas peculiaridades, o professor de educação física escolar lida com alunos e se esforça no convencimento desses para o cumprimento dos afazeres educacionais. É uma atuação com seres humanos com múltiplas e imprevisíveis variáveis interacionais, basicamente efetivadas pela comunicação oral, conforme Tardif e Lessard (2005) apontam como presentes no trabalho docente em geral.

Com bases firmadas nessas premissas da centralidade da comunicação oral e da voz no exercício dessa profissão, estruturou-se esta pesquisa, desenvolvida no âmbito de Mestrado, com objetivo de compreender como professores de educação física escolar percebem a própria voz na regência da aula durante as interações com os alunos, identificar a autopercepção de sintomas vocais indicativos de risco vocal e o conhecimento que têm sobre preservação da própria voz, além de comparar os dados de autopercepção do uso vocal dos professores com e sem sintomas de risco vocal.

Metodologia

O presente estudo foi investigativo de caráter qualitativo, com apoio quantitativo no que diz respeito à compreensão de formas de agir e compreender a voz nas interações que permeiam o desempenho profissional de professores de educação física escolar, o projeto foi aprovado por Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos.

O convite para participar da pesquisa ocorreu em uma reunião regular de professores atuantes na educação infantil e ensino fundamental, em uma Rede Municipal de Ensino de uma cidade paulista, e entre os interessados foram sorteados dez professores, os quais assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido para participação na pesquisa.

A figura 1 apresenta as características pessoais e profissionais dos dez professores participantes.

Figura 1 - Tabela de caracterização dos professores participantes

Professor	Gênero	Idade	Tempo Magistério	Nível ensino	CH Semanal
01	masc.	30	07	Infantil	27
02	masc.	29	04	Fundamental	21
03	fem.	27	05	Fundamental	28
04	masc.	32	10	Fundamental	40
05	masc.	29	07	Infantil	24
06	fem.	45	10	Fundamental	27
07	masc.	26	03	Infantil	24
08	fem.	27	06	Infantil	44
09	masc.	30	09	Infantil	27
10	fem.	54	10	Fundamental	43
Média		32,9	7,1		30,5

Fonte: Elaborado pelos autores.

Os dados foram obtidos a partir de respostas dos professores a um questionário com perguntas abertas, elaborado pelo pesquisador, e de respostas a um protocolo de autopercepção de sintomas vocais associados ao uso da voz, sinalizadores de presença de risco vocal.

O questionário, respondido por escrito, continha cinco perguntas: as questões um e dois buscaram compreender como professores de educação física escolar se comportam vocalmente durante a regência de suas aulas; as questões três e quatro visaram a descoberta dos cuidados e estratégias dispensadas à própria voz e as eventuais informações que o profissional pudesse ter a respeito do assunto e; a questão cinco referia-se ao entendimento dos professores participantes a respeito das interações que estabelecem com seus alunos durante as aulas.

O segundo instrumento utilizado foi a Escala de Sintomas Vocais - ESV (MORETI *et al.*, 2011; 2014), que tem por objetivo avaliar a autopercepção do indivíduo em relação à presença de sintomas vocais, cujos escores podem sinalizar o impacto produzido por alterações vocais. Trata-se de um protocolo com 30 questões, cujas respostas são graduadas de acordo com sua frequência de ocorrência em escores de zero a quatro (nunca, raramente, às vezes, quase sempre e sempre). Os escores obtidos graduam o impacto da alteração de voz em três dimensões: limitação funcional, reações emocionais e sintomas físicos. A soma dos escores dessas três dimensões resulta em um escore geral, sendo que Moreti *et al.* (2014) definiram que valores iguais ou maiores que 16 sinalizam a presença de disфонia em graus variados proporcionais ao escore geral obtido, cujo valor máximo é de 120. Especialistas definem disфонia como alterações de voz, com modificações na qualidade vocal, que interferem na mensagem oral (SBFa, 2008/2009).

Os procedimentos para as entrevistas obedeceram a uma ordem preestabelecida, iniciados pelas respostas ao questionário, seguidas pelo preenchimento da escala de sintomas vocais. Tal sequência se deu devido à hipótese de que poderia haver reflexões diferenciadas sobre alguns aspectos entre os questionamentos da ESV e que, por sua vez, influenciariam as respostas ao questionário.

Autopercepção sobre o uso da comunicação oral e voz dos professores de educação física

A partir da análise das respostas dos professores ao questionário foi possível identificar aspectos comuns, os quais foram classificados por temas recorrentes subdivididos em ações e atitudes.

a) A intenção da comunicação oral: ‘Interação’ quando a resposta do professor expôs processos de interação, explicações, aproximação aos alunos em grupo ou individualmente, buscando estabelecer vínculos. ‘Execução’ quando a resposta apontou preocupação em realizar a atividade planejada e a condução da ação proposta. ‘Disciplina’ quando a resposta expôs preocupação em utilizar a comunicação oral e a voz para controlar a disciplina da turma.

b) A demanda de uso da voz: ‘Constante’, referente a expressões como constantemente, o tempo todo, falo muito, bastante. ‘Moderada’, quando a descrição do uso da fala expôs intervalos de fala ou fala mais próximas aos alunos. ‘Pouca’, quando houve de pouco uso da fala.

c) A intensidade da voz *versus* ocorrência (sempre, às vezes e nunca): ‘Grito’, para referência direta ao gritar. ‘Alta’, para referência à voz mais alta do que a habitual para conseguir se fazer ouvir. ‘Baixa’, para referência a falar mais baixo que o habitual. ‘Habitual’, para referências ao uso da voz como costumam falar, o que não garante que a fala não tenha sido produzida em alta intensidade.

d) Os cuidados com a voz: ‘Não’, quando nenhum cuidado com a própria voz. ‘Sim’ (Pessoal), quando o professor referia iniciativa pessoal na busca de informações. ‘Sim’ (Institucional), quando o professor referia ter participado de ações promovidas pela escola ou outra instituição.

A figura 2 sintetiza e quantifica os dados revelados pelos professores ao responderem ao questionário, além de tematizar suas respostas possibilitando ao leitor uma visão simplificada, porém abrangente, dos resultados.

Figura 2 – Tabela de Perfil de autopercepção sobre o uso da comunicação oral e a voz dos professores de educação física da amostra

	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	P9	P10	N
Intenção de comunicação											
Interação	X	X		X	X		X	X	X		7
Disciplina			X	X					X	X	4
Execução		X	X	X	X	X	X	X	X		8
Demanda de fala											
Constante	X		X	X	X	X	X	X	X	X	9
Moderada		X									1
Intensidade da voz											
Habitual				X				X			2
Alta	X	X	X		X	X	X	X		X	8
Baixa		X							X		2
Cuidados com a voz											
Não		X	X		X		X		X	X	6
Sim pessoal	X			X							2
Sim instituição						X		X			2

Fonte: Elaborado pelos autores.

A esquematização e quantificação dos dados qualitativos facilitaram a percepção dos procedimentos, ações e atitudes reveladas pelos professores, tornando possível perceber que sete professores direcionam sua comunicação oral com a intenção de estabelecer interações de âmbito geral com seus alunos, quatro com objetivos disciplinares e a maioria é com fim de conseguir que seus alunos executem as tarefas determinadas.

É possível, ainda, perceber que três professores se encaixam em apenas um tema: P1 em vista da interação com seus alunos utilizando uma fala constante, em voz alta, relatando iniciativas pessoais de cuidados com a voz; P6 se ocupa com a execução das tarefas propostas a seus alunos, falando constantemente em intensidade alta, mencionando informações institucionais sobre os cuidados com a voz; P10 revela ocupar-se com a disciplina da turma, com utilização da fala constante em alta intensidade, sem nenhum cuidado com a própria voz.

Os dados obtidos corroboram que o uso da comunicação oral e da voz pelo professor de educação física escolar como um meio de interação com os alunos é fundamental, uma vez que permeia os processos de inter-relações entre dimensões cognitivas, afetivas e corporais a serem trabalhadas nos alunos. Ocorre, dessa forma, e como destaca Daolio (1995), o favorecimento de utilização e incorporação de gestos e de movimentos próprios de e para diferentes culturas. Aparentemente os professores pesquisados utilizam a comunicação oral, compondo a prática pedagógica em prol da ampliação dessas dimensões, conforme pontua Reina (2005).

Quanto à demanda imposta à fala, apenas P2 pode ser inserido na categoria de uso moderado, pois os outros nove professores declararam o uso constante da fala. Já em relação à intensidade do uso da voz, oito dos professores, P1, P2, P3, P5, P6, P7, P8 e P10, indicam uso da voz com intensidade alta, dois, P4 e P8, de maneira habitual, deixando dúvidas de como seria essa intensidade e baixa por outros dois, P2 e P9. Como é possível perceber, dois professores se encaixaram em mais de um tema: P2 nas intensidades alta e baixa e P8 nos temas habitual e alta.

Faz-se necessário reforçar que esse estilo ‘voz de comando’ é observado em aulas de educação física, e, sendo assim, a voz forte e alta é privilegiada em atividades de execução de tarefas conforme esperado nessa prática do professor (CRUZ; SILVA, 2002).

Esses dados corroboram que as condições de trabalho de professores de educação física escolar trazem, em seu contexto, a necessidade do uso da voz em alta intensidade na maior parte do tempo, o que configura uma condição de risco vocal segundo vários estudiosos (ALVES, 2011; FERREIRA *et al.*, 2007; SALEMA; MENDES; RODRIGUES, 2006).

Sobre os cuidados e informações em torno da própria voz, os resultados confirmaram as expectativas de ser um hábito pouco presente, visto que seis professores, P2, P3, P5, P7, P9 e P10 foram veementes em negar qualquer iniciativa ou participação em programas de capacitação voltados para a voz profissional, enquanto quatro professores participaram, sendo P1 e P4 por iniciativa pessoal e P6 e P8 de forma institucional.

As respostas dos professores desta pesquisa indicam que a voz tem sido utilizada em alta demanda e intensidade e que poucos tiveram contato com informações efetivas sobre cuidados vocais, embora haja fortes indícios de serem benéficas à saúde vocal, fatos constatados também no estudo de Esteves (2011).

Análise da autopercepção de sintomas vocais e de impacto no uso da voz

A figura 3 contém os dados referentes aos escores obtidos pelos professores na Escala de Sintomas Vocais (ESV). Pode-se, inicialmente, notar que o escore total de percepção de sintomas vocais e do impacto da voz dos professores de educação física participantes deste estudo variou entre 07 e 56 pontos. Destacamos que o valor máximo a ser alcançado é 120 pontos, o que representaria altíssimo grau de desconforto na voz, e que o escore 16 já é indicativo de presença de risco vocal e disfonia.

Figura 3 – Tabela de Resultados do Protocolo ESV

Professor	Limitação	Emocional	Físico	Escore Total	Indícios de risco vocal ou de disfonia (= > 16)
1	17	03	11	31	Sim
2	28	02	08	38	Sim
3	32	09	15	56	Sim
4	18	04	11	33	Sim
5	14	00	09	23	Sim
6	04	01	02	07	Não
7	18	03	04	25	Sim
8	28	11	09	48	Sim
9	04	00	09	13	Não
10	05	00	06	11	Não
Média	16,8	3,3	8,4	28,5	-

Fonte: Elaborado pelos autores.

Nas avaliações das três dimensões de percepção do impacto nas alterações de voz (Limitação, Emocional e Físico), nota-se que a maior média de escore está na dimensão Limitação (16,8), que se refere à funcionalidade da voz, sugerindo que este grupo de professores percebe mais frequentemente a limitação ou a dificuldade do uso da voz no exercício de sua profissão. Segundo Klodsinki *et al.* (2015), escores maiores na dimensão Limitação podem estar relacionados à maior percepção da própria alteração de voz, despertando a atenção do sujeito a sensações relacionadas à voz.

Na dimensão Emocional, relacionada à percepção de reações emocionais graças ao uso da voz, foram obtidos escores médios mais baixos (3,3), sugerindo pouco impacto emocional inclusive entre os professores com escores mais altos nas demais dimensões. O baixo impacto emocional revelado pelos professores participantes é um dado que coincide com os encontrados por Cunha (2013), estudo no qual os professores participantes sentiam de maneira pouco significativa as consequências emocionais relacionadas ao uso da voz, o que interfere na atitude de busca por cuidados com a voz.

Na dimensão Física, relacionada aos aspectos orgânicos, obteve-se a média 8,4 - valor próximo ao encontrado na população geral, cuja média é 7,11 segundo Moretti *et al.* (2014). Esses mesmos autores indicam que escore total maior que 16 pontos refere a presença de risco vocal ou de disfonia já instalada em graus variados, escore este encontrado nos apontamentos de sete professores desta amostra. Observamos que a ocorrência esperada para profissionais da voz é de 20% segundo estudo de Behlau *et al.* (2017).

O escore total médio desta amostra foi de 28,5 pontos, valor abaixo do escore médio de ESV encontrado entre indivíduos disfônicos (49,43 pontos), porém, maior que o escore

médio entre indivíduos com vozes sem alterações (7,11 pontos) (MORETTI, 2011), reforçando a condição de risco vocal dos professores de educação física escolar desta amostra.

Dessa forma, pode-se afirmar que foi constatada a presença de risco vocal ou disfonia com percepção de limitações funcionais e sintomas físicos de desconforto durante a fonação, provavelmente em estágios variados e que, pelo uso vocal intenso, tais sintomas podem ser agravados no decorrer do exercício profissional. Confirmaram-se, assim, as previsões iniciais desta pesquisa de que professores de educação física escolar formam uma categoria profissional vulnerável ao desenvolvimento de distúrbios de voz, o que nem sempre é percebido pelos próprios professores. Esse fato é indicativo da necessidade de orientação para procura de profissionais especializados para cuidar da saúde vocal, no âmbito da promoção da saúde vocal e prevenção de agravos nas prováveis alterações vocais já presentes.

A autopercepção dos professores comparadas com escores da Escala de Sintomas Vocais – ESV

A figura 4, retoma dados das referências de temas mais recorrentes entre as colocações dos professores sobre a comunicação oral e a voz no exercício da profissão e dos resultados da ESV, agrupados em maiores e iguais a 16 e menores que 16.

Definida a intenção de comunicação como tema de análise quantitativa foi possível identificar três aspectos recorrentes entre os professores participantes: a intenção relacionada à execução de tarefas foi apontada oito vezes; seguida pela necessidade de interações inerentes à aula, sete vezes e; a manutenção da disciplina, evidenciada quatro vezes. Tais dados se alinham aos encontrados por Tardif e Lessard (2005), apontando que professores, ao interagirem com seus alunos, visam atingir fins e resultados, nesse caso representados pelas prioridades dos pesquisados em estabelecer interações com seus alunos, com o objetivo de cumprir tarefas de aprendizagem de maneira disciplinada.

Figura 4 – Tabela de Perfil de autopercepção sobre o uso da comunicação oral e voz dos professores de educação física e escores ESV

	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	P9	P10	Total
Intenção de comunicação											
Interação	X	X		X	X		X	X	X		7
Disciplina			X	X					X	X	4
Execução		X	X	X	X	X	X	X	X		8
Demanda de fala											
Constante	X		X	X	X	X	X	X	X	X	9
Moderada		X									1
Intensidade da voz											
Habitual				X				X			2
Alta	X	X	X		X	X	X	X		X	8
Baixa		X							X		2
Cuidados com a voz											
Não		X	X		X		X		X	X	6
Sim pessoal	X			X							2
Sim instituição						X		X			2
Escores ESV											
<=16						X			X	X	3
=>16	X	X	X	X	X		X	X			7

Fonte: Elaborado pelos autores.

Quanto à alta demanda de fala referida por P6, P9 e P10, pode-se refletir que, embora tenham percepção a respeito da interferência desse fator na qualidade da voz, apresentam dados contraditórios associados ao escore ESV. No caso de P2, que obteve escore maior que 16, houve referência de uso moderado da voz, e nos casos de P6, P9 e P10, todos com resultados abaixo de 16 pontos na ESV, também declararam o uso constante da voz. O tema Intensidade da Voz mostrou somente dois professores, dos oito incluídos nos escores maiores que 16, que referiram utilizar a voz de maneira habitual, provavelmente sem alta intensidade, também contradizendo a lógica esperada, sendo que P9 (escore menor que 16) afirmou usar voz baixa compatível com seu escore.

Podem-se perceber, no decorrer da exposição desses dados, contradições em relação ao esperado: maior demanda e os escores indicando menor risco vocal. Assim sendo, pode-se supor que a causa de desgaste vocal não se dá somente por um fator específico, no caso somente a alta demanda vocal ou a intensidade da voz.

Quanto aos Cuidados com a Voz, somente quatro professores declararam ter tido iniciativa de cuidar da própria voz. Dentre eles, apenas P6 obteve resultado abaixo de 16 pontos na ESV. Os demais, P1, P4 e P8, obtiveram resultados acima de 16 pontos na ESV, mesmo declarando cuidados com a voz.

A baixa correspondência entre hábitos benéficos à voz e escores ESV abaixo de 16 é, provavelmente, justificada pela pequena amostragem desta pesquisa e pela multifatorialidade

de aspectos que contribuem para o risco vocal e para a real aderência a um trabalho de promoção da saúde vocal.

A partir dessas reflexões, foi necessário buscar fatores, citados na literatura e referidos pelos professores, que provavelmente se encontram presentes na prática dos participantes e tenham influenciado as condições de comunicação e a presença de sintomas vocais encontrados como resultados deste estudo:

- A dificuldade de percepção e/ou domínio da voz, para adequar seu uso a cada situação e contexto durante as aulas (SALEMA; MENDES; RODRIGUES, 2006) e para favorecer melhores processos de interação com os alunos utilizando comunicação oral e voz de acordo com o contexto da aula (TARDIF; LESSARD, 2005).
- A pouca prática de cuidados com a voz envolvendo estratégias benéficas à saúde vocal (ESTEVES, 2011).
- Os ambientes de trabalho permeados de fatores negativos à saúde vocal, como ruídos intensos, turmas com muitos alunos, entre outros (ALVES, 2011; FERREIRA *et al.*, 2003; SALEMA; MENDES; RODRIGUES, 2006).

Tais fatores apareceram de forma implícita ou explícita durante as respostas dos professores, enfatizados como importantes ou pela afirmação do desconhecimento sobre essas temáticas. No entanto, a referência às exigências do ensino deu mostras de anteceder qualquer preocupação pessoal do professor com a própria voz.

Absorvido totalmente por suas obrigações, nem mesmo as limitações reveladas pela Escala de Sintomas Vocais, ou o uso constante e intenso de suas vozes, aliado à falta de preparo para o uso profissional da voz, evidenciados pelas respostas ao questionário, impedem os de conduzir suas aulas.

Considerações finais

Esta pesquisa foi motivada pelo interesse na comunicação oral e uso da voz pelo professor de educação física escolar, como recurso de seu trabalho, e pela observação de que a profissão apresenta peculiaridades inerentes ao seu exercício determinadas historicamente, a voz de comando. Buscou-se, a partir disso, pesquisar o uso, as exigências e consequências atreladas a esse estilo vocal.

Entre as prioridades que os professores elegem durante a regência de suas aulas, foi possível identificar uma demanda de trabalho voltada às interações que estabelecem com seus alunos, com o objetivo de cumprir tarefas educacionais de maneira ordenada e disciplinada,

havendo um apelo à aderência de seus alunos à aula proposta. Inclui-se nestas prioridades o uso da voz em alta intensidade e demanda, sem que isso seja identificado como algo prejudicial no decorrer da carreira.

Os entrevistados revelaram poucos cuidados e conhecimentos superficiais no que diz respeito à proteção da própria voz, motivo pelo qual se reforça a necessidade de formação dos professores para o adequado uso vocal. Os resultados da Escala de Sintomas Vocais indicam que sete dos dez professores pesquisados apresentam algum grau de alteração de voz, reforçando a ideia de que professores de educação física constituem uma categoria profissional vulnerável aos riscos vocais.

Ficou evidente que a proteção e o conforto vocal almejado aos professores não se limita a procedimentos pontuais e que o adequado uso vocal perpassa o domínio e os cuidados com a própria voz, como a organização e adequação do ambiente e estratégias que possam facilitar a comunicação interativa eficiente sem o prejuízo vocal do professor.

O conhecimento para promover as mudanças necessárias e urgentes passa pela capacitação, não só em relação às técnicas de uso vocal, mas também pela capacidade de reconhecimento e domínio da diversidade de fatores envolvidos no uso da voz profissionalmente.

Há consenso entre os autores consultados, principalmente os de formação fonoaudiológica, em considerar professores como profissionais da voz, e, embora não tenham sido questionados explicitamente sobre essa afirmativa, não houve no decorrer desta pesquisa qualquer referência ao reconhecimento desta condição, nem mesmo nos momentos informais de contato com os entrevistados. Essa condição, de não reconhecimento sobre o uso profissional da voz, é um fator dificultador aos avanços em direção a promoção da saúde vocal da categoria.

A tomada de consciência em relação a ser um profissional da voz representa o ponto de partida em busca da capacitação de professores de educação física. A apropriação dessa postura deve ser estimulada a partir da formação acadêmica, com a adequação de currículos voltados à formação dos futuros profissionais.

É evidente, após a reflexão dos dados encontrados e daqueles apontados pela literatura, a necessidade urgente de treinamento dos profissionais em atividade e do apoio aos que já estão acometidos por dificuldades vocais, por intermédio de políticas públicas voltadas à proteção da saúde vocal e do preparo de professores de educação física em formação inicial ou continuada, para que a utilização da comunicação oral e voz em alta demanda não traga risco a saúde vocal.

AGRADECIMENTOS: Fundação Nacional de Desenvolvimento do Ensino Superior Particular – FUNADESP.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Nássara Luiza Lanzoni. **Distúrbio de voz e capacidade para o trabalho em docentes:** um estudo caso-controle. Orientador: Léslie Piccolotto Ferreira. 2011. 63 f. Dissertação (Mestrado em Fonoaudiologia), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/11910>. Acesso em: 20 nov. 2019.
- BEHLAU, Mara; ZAMBON, Fabiana C.; MORETI, Felipe; OLIVEIRA, Gisele; COUTO JR, Euro Barros. Voice self-assessment protocols: different trends among organic and behavioral dysphonias. **Journal of Voice**, Philadelphia, USA. v. 31, n. 1, p. 112-27, jan. 2017.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2ª versão. 2016. 652 p.
- CRUZ, Ana Maria Lima; SILVA, Paulo da Trindade Nerys. **A prática pedagógica dos professores de educação física nas escolas públicas de São Luíz - MA**. 2002. 21 p. Disponível em: http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/evento2002/GT.2/GT2_4_2002.pdf. Acesso em: 2 set. 2015.
- CUNHA, Denise de Souza. **Distúrbios vocais, estresse e condições de trabalho e associação entre tempo máximo de fonação e a regulação autonômica cardíaca em professores de educação física do ensino fundamental de escolas públicas de Marília (SP)**. Orientador: Vitor Engrácia Valenti. 2013. 83 f. Dissertação (Mestrado em Fonoaudiologia), Universidade Estadual Paulista, Marília, 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/89926>. Acesso em: 20 nov. 2019.
- DAOLIO, Jocimar. Os significados do corpo na cultura e as implicações para a Educação Física. Porto. **Movimento**, Porto Alegre, n. 2, p. 24-28, jun. 1995.
- ESTEVES, Daiane Clara. **A influência da hidratação sistêmica na qualidade vocal**. Coordenador: Lídia Cristina da Silva Teles. 2011. 77 f. Dissertação (Mestrado em Bioengenharia), Universidade de São Paulo, São Carlos, 2011. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/82/82131/tde-17072012-151625/pt-br.php>. Acesso em: 20 nov. 2019.
- FERREIRA, Léslie Piccolotto *et al.* Condições de produção vocal de professores da rede do município de São Paulo. **Distúrbios da Comunicação**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 275-308, jun. 2003.
- FERREIRA, Léslie Piccolotto *et al.* Distúrbio de voz relacionado ao trabalho: proposta de um instrumento para avaliação de professores. **Distúrbios da Comunicação**, São Paulo, n. 19, p. 127-136, abr. 2007.

KLODSINKI, Dhayane *et al.* Correlation between voice symptoms and auditory-perceptual evaluation of voice in dysphonic individuals. **Audiology – Communication Research**, São Paulo. v. 20, n. 1, p. 84-7, set. 2015.

MORETI, Felipe *et al.* Equivalência cultural da versão Brasileira da Voice Symptom Scale: VoiSS. **Jornal da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**, São Paulo. v. 23, n. 4, p. 398-400, dez. 2011.

MORETI, Felipe *et al.* Cross-cultural Adaptation, validation, and cutoff values of the Brazilian version of the Voice Symptom Scale – VoiSS. **Journal of Voice**, Philadelphia. v. 28, n. 4, p. 454-465, jul. 2014.

REINA, Fábio Tadeu. **O papel da disciplina educação física no processo de inclusão de alunos provindos das camadas populares no espaço escolar**. Orientadora: Luci Regina Muzzeti. 2005. 133 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2005. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/90353>. Acesso em: 20 nov. 2019.

SALEMA, Luís Fernando Pinto; MENDES, Ana; RODRIGUES, Américo. Prevalência dos problemas de voz em professores dos segundo e terceiro ciclos do ensino básico e do ensino secundário. **Revista da Sociedade Portuguesa de Otorrinolaringologia e Cirurgia Cérvico Facial**. Lisboa, v. 44, n. 4, p. 379-397, dez. 2006. Disponível em: <http://www.journalsporl.com/index.php/sporl/article/viewFile/495/395>. Acesso em: 25 dez.2016.

SOARES, Carmem Lucia. **Educação física: raízes europeias e Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2004.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE FONOAUDIOLOGIA- SBFa. **Respostas para as perguntas mais frequentes sobre voz – FAQs**. 2008/2009. Disponível em: http://www.sbfa.org.br/portal/pdf/faq_voz.pdf. Acesso em: 20 nov. 2016.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

Como referenciar este artigo

PEDERSEN, Vagner José; DRAGONE, Maria Lucia O. S. Comunicação oral e voz do professor de educação física escolar - um recurso de trabalho em risco. **Temas em Educ. e Saúde**, Araraquara, v. 15, n. 2, p. 277-290, jul./dez. 2019. e-ISSN 2526-3471. DOI: <https://doi.org/10.26673/tes.v15i2.13154>

Submetido em: 01/04/2019

Revisões requeridas: 30/04/2019

Aprovado em: 30/05/2019

Publicado em: 30/07/2019